



## A CORRUPÇÃO DO GERÚNDIO “*IN NATURA*”

Mauro Martins Cardoso<sup>1</sup>

Nós brasileiros temos a noção de que estamos agora aqui, mas daqui a pouco estaremos ali; há uma velocidade interna no nosso sentimento da língua, um nervosismo de estar em outro lugar que não aquele que não estivéramos até então. Temos necessidade de abranger um país amplo, de abarcar tantas experiências, e o gerúndio corresponde a essa velocidade interior.

(**Nélida Piñon** – entrevistada da revista *Língua Portuguesa* – ano I – nº7 – 2006- p. 15).

Para usar uma metáfora, pode-se dizer que os juízos de valor e as críticas que se faz sobre os usos da língua está, na maioria das vezes, voltado apenas para a porção visível do iceberg, a norma culta ou a variante padrão, aquela das regras de regência e concordância. Ao contrário do que se pensa, a língua não é um conjunto de regras somente. A confusão centra-se no fato de se querer aplicar à língua o jugo autoritário da gramática normativa. Nesse quadro, há que se reavaliar a noção de erro na língua. Acerca disso, analisaremos um fenômeno linguístico, cujo uso tem gerado polêmica, por ser considerado uma corrupção da língua.

O presente artigo pretende fazer uma análise comedida de um fenômeno linguístico altamente criticado, procurando lançar luz sobre a obscuridade dos “achismos” e afirmações errôneas. O senso comum tem feito colocações sobre esse fenômeno da linguagem, aliás, bem brasileiro.

O gerundismo está na boca do povo e por isso ganha a atenção dos professores, mestres e doutores da língua portuguesa. A análise partirá de um breve contexto histórico, seguida da análise de textos em português arcaico. Por fim seguiremos abordando o assunto a partir do comentário de dois artigos sobre

---

<sup>1</sup> Professor das Faculdades Integradas Santa Cruz. Mestre em Letras.

gerundismo das revistas **Língua Portuguesa** da editora segmento e **Discutindo Língua Portuguesa** da editora Escala Educacional. Esta vem em defesa do gerundismo, enquanto aquela lança, furtivamente, suas farpas contra o uso exacerbado da estrutura gerundiva, especialmente a perífrase, locução formada por três verbos. Vejamos o que há de tão vil e condenável que merece a luz de tantos holofotes. No entanto, antes de tudo, uma contextualização histórica faz-se necessária. A não incursão nessa viagem linguística, por mais tempestuosa que possa parecer, contribui para julgamentos precipitados e descabidos a respeito da língua por aqueles que desconhecem a sua história.

Segundo Ilari (2006), os portugueses ocuparam efetivamente o território brasileiro somente 30 anos após as caravelas de Cabral terem chegado ao Brasil em 22 de abril de 1500. O português europeu entra em contato com pelo menos 300 línguas indígenas diferentes. De 1533 a 1654, uma língua geral de base Tupi foi a língua de comunicação na colônia. Nesse período, o português europeu se fez cada vez mais forte na costa brasileira, enquanto a língua geral ficou limitada ao interior e às aldeias jesuíticas. Num segundo momento, as Naus e Galeões portugueses despejaram na costa brasileira mais uma extraordinária diversificação linguística advindas de duas culturas africanas: a cultura Banto e a Sudanesa. O intenso tráfico de escravos negros vindos da costa da África foi prática que se estendeu até o século XIX. A associação do extrato indígena, europeu e africano, em situação de bilinguismo, deu origem a uma sorte de dialetos usados na colônia portuguesa. A apresentação sumária do panorama histórico em que línguas e culturas se entrecruzaram mostra a profundidade desse mar linguístico em constante movimento, povoado de diferenças dialetais.

Esse choque cultural e linguístico o qual sofreu o português europeu ao ser transplantado para o continente sul-americano fez com que a língua falada não se mantivesse mais a mesma. A falta de contato linguístico mais intenso na colônia expôs o português europeu a uma série de influências. O enfraquecimento das relações que a colônia mantinha com os nossos patrícios trouxe, como consequência, um falar diferente do europeu. É desse distanciamento linguístico que

surge, entre os colonizados, um dialeto<sup>2</sup>, um falar diferenciado, marcado na pronúncia de certas palavras e no modo de conjugar. Todavia, ao termo “dialeto”, sobretudo no Brasil, vem associado à ideia de corrupção, desvio gramatical e desprestígio da língua. Esse equívoco, que alimenta preconceitos, só pode ser vencido com doses homeopáticas servidas à luz duradoura da investigação científica (506 anos se passaram, e o empenho em querer engessar o português brasileiro às regras da gramática portuguesa continua firme). Continua-se a julgar certas construções linguísticas como certo ou errado sem base científica, apenas por pura comparação com o português europeu, como se ele fosse o modelo de língua ideal. O emprego de certas estruturas gramaticais disseminadas há muito tempo pela escola trazem os ares do além-mar. É uma pena que a variação linguística seja um tema marginal, praticamente ignorado em sala de aula por aqueles que tratam o ensino de português no Brasil um dogma linguístico. Não se pode negar que o português brasileiro tem características fonéticas, morfológicas, sintáticas e semânticas distintas do português ultramar.

Dentre as diferenças existentes entre o português do Brasil (PB) e o português de Portugal (PP), recortaremos uma em especial: o uso da forma verbal no gerúndio, bastante polêmica entre os letrados. Os chamados puristas da língua falam em banir o aspecto imperfectivo durativo do verbo. O aspecto<sup>3</sup> diz respeito a possibilidades de se representar uma determinada ação, por exemplo:

- (1) O leão **observou** a presa no mato.
- (2) O leão **estava observando** a presa no mato.

São indiscutíveis as possibilidades aspectuais à disposição do falante. No exemplo (1), temos o aspecto perfectivo e pontual, pois não há ideia de um processo em andamento. A ação se dá em um tempo pretérito. Em (2), ao contrário, temos um processo em curso, pois o gerúndio flagra uma ação que está em andamento. No caso (2) existe uma outra ação concomitante que justifica uma ação durativa: “O

---

<sup>2</sup> Entende-se por dialeto um falar diferenciado e particular de uma determinada língua praticada em diferentes regiões de um mesmo país.

<sup>3</sup> O que chamamos aqui de “aspecto” refere-se à duração da ação do verbo. Nesse sentido, o “aspecto verbal” refere-se a uma ação concluída ou não, sua duração ou conclusão.

*leão estava observando a presa no mato, quando foi abatido pelo caçador.*”. Há, nesse caso, uma relação de incidência entre uma asserção pontual e uma frase cursiva: o leão estava observando a presa no momento em que foi morto pelo caçador.

Mas voltando a falar do fenômeno “gerundismo”, as revistas **Língua Portuguesa** e **Discutindo Língua Portuguesa** trouxeram o assunto à baila. A primeira revista acha o uso abusivo, condena e chama o gerundismo de vício de linguagem em artigo intitulado: “O gerúndio é só pretexto – vício de linguagem que simula formalidade e evita compromisso com a palavra dada; o gerundismo joga luz sobre o artificialismo nas relações sociais.” (Luiz Costa Pereira Jr.) A segunda revista, *Discutindo Língua Portuguesa*, trata o assunto em seu artigo com parcimônia, defendendo o gerúndio dos puristas da língua: “Defendendo o gerúndio” (Sírio Possenti).

Em relação ao primeiro artigo, o uso do gerúndio é tratado como pretexto para simular uma situação de formalidade, falta de compromisso com a palavra. O que mais chama a atenção nos “gerundistas” é o uso exacerbado das perífrases, locução verbal formada por três verbos, sendo que um dos dois auxiliares seria dispensável. Exemplo:

(3) **Vou estar enviando** a mensagem.

Segundo o artigo, essa estrutura “viciada” é praticada no Brasil e não em Portugal. O Português de Portugal prefere o infinitivo com a preposição “a” (**Estou a enviar** a mensagem). A afirmação de que no Brasil há “overdose” de gerúndio e em Portugal não, não condiz com a verdade. Em textos antigos, os dados históricos revelam a presença não só o uso do gerúndio como também o duplo gerúndio. Vejamos.

(4) E **estando partymdo** sua presa vyram vir largo ao mar hu bragamtym  
(Zurara<sup>4</sup>: 370/647);

---

<sup>4</sup> Cronista-mor da corte na segunda metade do século XV.

- (5) Achando o Duque de Aveiro, **estando jantando**, dois cabelos da barba muito crespos em uma escudela de manjar branco, disse ao moço da câmara que a levará: (...) (Ditos, p. 65 – século XVI);
- (6) **Bebendo** um seu escrivão da câmara vinho todas as vezes que havia de ir assinar provisões, por lhe não cheirar a ele, mastigava um pouco de erva doce ou de canela; e **mastigando** uma vez umas folhas de louro, **estando** depois **assinando**, sentiu el-rei o cheiro e, **entendendo** o artifício e tenção dele, disse ao escrivão: - Debaixo do louro há boa sombra? (Ditos: 45).

Temos, nos enunciados acima, argumentos factuais para contestar a afirmação de que o português de Portugal desconhece gerúndios. Ao tomar contato com textos mais antigos em português europeu, percebemos que, mais tarde, parece ter havido preferência pelo emprego do infinitivo preposicionado do que pelo gerúndio, aliás, ao contrário do que afirma o artigo da revista *Língua portuguesa*. Hipoteticamente falando, o duplo gerúndio teria caído em desuso, devido à interpretação temporal, em (5), de “estando jantando”, por uma interpretação temporal do tipo: quando estava jantando. O mesmo pode ser afirmado em (6). O que se está querendo mostrar é que o gerúndio era largamente usado em Portugal, e que seu uso foi caindo. Portanto, é descabido a imposição tributária do gerúndio apenas ao Brasil. O final do artigo dessa revista demonstra preocupação com a erradicação do vírus da “gerundose”, que, aliás, ainda não tem vacina.

O segundo artigo, “Defendendo o gerúndio”, alerta para o preconceito e o “puritanismo” linguístico. Segundo ele, certas palavras ou expressões usadas pelos brasileiros para interagir formalmente podem não agradar a ouvidos mais sensíveis. Se o uso de expressões, no caso as “gerúndicas”, não soa bem para certas pessoas, não significa necessariamente que é ruim ou errado. Certas explicações errôneas para a “gerundose” epidêmica constituem um mal muito maior do que o próprio surto de “gerundose” em massa. **Cá pra nós** pesquisadores, é uma fajutice descarada a explicação de que o gerundismo é uma estrutura importada da língua inglesa. Como a falta de conhecimento é a mãe da ignorância. Só, talvez, uma

situação de bilinguismo português-inglês intenso, durante séculos, num nível em que a estrutura de uma língua passa para outra, poderia fazer dessa tolice uma explicação lícita. Como a maioria dos brasileiros trabalha para comer, leem muito pouco, não são bilíngues, não viajam mais de 1000 km, não sabem ler em inglês nem viajam para países de língua inglesa, tem-se que mudar o foco da análise da importação do fenômeno. Tachar uma determinada construção linguística de boa ou ruim denota falta de interesse científico na questão.

Apelando agora para a sintaxe, o artigo advoga em favor do gerúndio e seu uso entre os falantes. Primeiro, sintaticamente falando, a ordem dos verbos atende à sequência canônica:

- (7) **Vou estar enviando** sua mensagem.
- (8) **Vou estar providenciando** o cancelamento do seu cartão de crédito.
- (9) **Vou estar dando** aula às 8h00.

Todos os exemplos acima constituem estruturas sintáticas corretíssimas. O falante nativo da língua portuguesa não constrói frases do tipo (exemplos do próprio artigo):

- (10) **Estive tendo** viajado;
- (11) **Estarei indo** sair.

Os exemplos (7), (8) e (9) mostram que o falante ordena adequadamente os verbos auxiliares, sempre antes do verbo principal. Os exemplos (10) e (11) são construções agramaticais, que o falante não faz. Portanto, a ordem **ir + estar + ndo** é sintaticamente correta.

Segundo, o artigo levanta um aspecto semântico bem interessante: o significado da construção em gerúndio. É o combate contra aqueles que dizem que o gerúndio não serve para nada ou que há outra forma linguística mais adequada. Ao invés de dizer “vou estar enviando”, por que não dizer “vou enviar” ou “enviarei”? A maneira que o falante usa a linguagem depende do sentido que ele quer dar ou

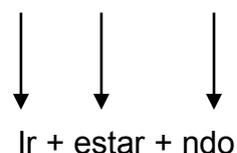
evidenciar em cada situação. Se a ação tiver um aspecto durativo ou não. O uso do verbo “ir” + “estar” + o gerúndio marca uma ação que não é instantânea.

Terceiro, há um aspecto pragmático envolvido na questão do “gerundismo”. Há uma certa amenização de impacto daquilo que se quer comunicar, quando se usa o gerundismo. O primeiro artigo diz que existe um certo descompromisso implícito no uso da estrutura gerundiva. É difícil de concordar que o uso de uma determinada expressão traga em seu bojo garantias de compromisso. Linguisticamente não se pode garantir nada na base da especulação. Dizer que a estrutura, “vou estar enviando”, denota a cultura da falta de compromisso também não é fácil de aceitar. O que incomoda a certos ouvidos não são construções como “**estou enviando** um fax”, “**anda fazendo** contato”, **continua estudando** muito, mas o verbo **ir + estar**.

O que alguns precipitados não estão percebendo é que estamos diante de um fenômeno de variação do PB em curso. A estrutura gerundiva está sendo preferida ao futuro sintético em extinção da língua oral. Vejamos a diferença entre os seguintes enunciados:

(12) Não esqueça que, amanhã às 4 horas, **estarei assistindo** ao jogo de tênis.

(13) Não esqueça que, amanhã às 4 horas, **vou estar assistindo** ao jogo de tênis.



Tanto os enunciados (12) e (13) estão expressando futuro, e o gerúndio, expresso nos dois enunciados, são exatamente os mesmos. Existe uma ação que **vai estar** em curso em um dia e tempo determinados. O fato de assistir pode implicar um tempo mais ou menos longo. O que estamos verificando é a opção que o falante faz por uma delas. Vejamos outros exemplos:

(14) Amanhã, **enviarei** o seu pedido;

(15) Amanhã **vou estar enviando** o seu pedido.

Os exemplos (14) e (15) são os mais adorados pela crítica ao gerúndio. A estrutura não é bem aceita, segundo os gramáticos, porque “enviar” não é durativo. Quem envia, envia uma vez só. É a presença do verbo auxiliar durativo como *estar* + um verbo que não é durativo gera um problema paradoxal. “Vou estar morando em Curitiba” é bem aceito, contudo, “vou estar enviando um fax” não é. A justificativa é que morar é durativo, e enviar não. Mas quem pode garantir que a ação de enviar é um ato único? Por que a ação de enviar não pode ser repetida? Dependendo do que se está enviando, o envio pode passar por um processo repetitivo. Dependendo da mercadoria, do valor ou das suas características físicas requer um procedimento diferenciado de envio. Daí a ação de enviar poder ser continuada ou durativa. Dependendo do documento eletrônico, não pode ser enviado de uma só vez. Portanto, a semântica é que definirá se enviar é ou não um verbo durativo. E por falar em semântica, analisemos mais dois enunciados *gerúndicos*.

(16) Nós **vamos apresentar** o trabalho amanhã.

(17) Nós **vamos estar apresentando** o trabalho amanhã.

O enunciado (16) tem um sentido pontual, pois o trabalho todo será apresentado. Em (17), o foco é a apresentação, o evento em si e não o seu término. Essas asserções não implicam no surgimento de uma cultura do descompromisso, como dizem os críticos num arroubo de autoridade. São estruturas perfeitamente usadas pelos falantes em diversas situações, como os exemplos até aqui arrolados.

Pode-se constatar, pelo que foi exposto, que o chamado gerundismo tem incomodado muitos estudiosos, sobretudo os do meio acadêmico. O que foi apresentado procurou argumentar tecnicamente contra certos conceitos deturpados e meramente especulativos. A análise do primeiro artigo demonstrou que a questão do gerundismo, como estão chamando, é uma invenção sem propósito comunicativo, vício de linguagem que denota artificialidade e descompromisso com o interlocutor. Os enunciados utilizados como exemplos de uso do gerúndio também serviram para derrubar a afirmação de que só o Brasil usa o gerúndio, e Portugal não. Pôde-se constatar também por meio da consulta a textos em português antigo datados do século XV e XVI, que a construção gerundiva era largamente utilizada.

Outra afirmação que se procurou desconstruir foi a de que a perífrase, locução formada por três verbos, tenha sido copiada do inglês. Essa tentativa de explicação é deveras caótica, dada por quem desconhece o assunto. O falante não assimila estruturas sintáticas complexas e passa a produzi-las por osmose. Por último, o artigo não leva em consideração a possibilidade de uma evolução em curso no PB. O futuro sintético já está em vias de extinção.

O segundo artigo é menos preconceituoso e não vê problemas no uso da perífrase verbal. Apesar de se mostrar condescendente com o “excesso” do gerundismo, ainda apresenta o argumento tradicional de incompatibilidade de estruturas gerundivas com verbos que não tem sentido durativo, quando já argumentamos que tudo é uma questão semântica. Contudo, o segundo artigo tem uma postura equilibrada, crítica e bem humorada do **estarismo** em **gerundose**. Sempre surge polêmica, quando certas expressões começam a ser usadas com frequência. “Tipo assim”, “com certeza”, “faz parte” são expressões sempre consideradas como epidêmias linguísticas. Mas o fato de alguém não gostar, não implica em dizer que é errado. Como prova a linguística histórica, palavras novas surgem, outras desaparecem e assim caminha a *práxis* da língua portuguesa.

Para finalizar o que foi exposto nessa síntese sobre um fenômeno linguístico em curso, o chamado “gerundismo”, percebe-se que ainda há muito o que se discutir sobre o assunto. Também não há como negar que um estudo meticoloso de textos antigos se faz necessário antes de dar opiniões recalcadas e preconceituosas. Que esse resumo, que ora apresentamos, sirva para abrir ainda mais a discussão sobre temas correlatos. Uma coisa é certa, a língua não pode ser tratada como algo essencialmente lógico e hermeticamente fechado. A língua serve ao falante e não o contrário.

## **REFERÊNCIAS**

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente**. A língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto. 2006

MENON, Odete Pereira da Silva. **Gerundismo?**. Macapá: Ilapec, 2004. vol. Esp. s/ Variações e Mudança Lingüística.

PEREIRA, Luiz Costa Jr. O gerúndio é só pretexto. **Revista Língua Portuguesa**. São Paulo, v.1, n.1, p. 20-25, 2005.

SÍRIO, Possenti. Defendendo o gerúndio. **Revista Discutindo Língua Portuguesa**. São Paulo, v.1, n.1, p. 8-11, 2005.